

«BEOGRAD CONCRETE» — INÊS D'OREY

Há lugares que, antes ainda que o saibamos, já são nossos e não me refiro à pertença material, mas a essa afinidade etérea, pouco concreta que, quando sucede, o que pode levar uma vida ou nunca vir a manifestar-se, nos traz esse reconhecimento epifânico: aqui estou/sou. É esse sentimento de pertença que transparece da série «Beograd concrete» na qual Inês d'Orey torna seus os lugares que, serenamente, pareciam aguardar este resgate. O título induz, convoca, desvenda essa apropriação, essa concretização, jogo semântico e sintático sugerido entre um adjetivo, um nome ou uma acção — talvez, na idiosincrasia da sua prática artística, esteja um pouco de tudo isso.

Quando, em 2021, surgiu a possibilidade de uma residência artística em Belgrado, Inês d'Orey, como é habitual no seu processo artístico, começou por investigar a arquitectura e história locais, focando o seu objecto de estudo na estética modernista e brutalista das décadas de 50 a 70, como o icónico Palácio da Sérvia ou o entretanto remodelado Centro Sava. Muitas ruas percorridas e portas que se foram abrindo depois, nesse deambular pela cidade, emergem outras realidades que a transportam para memórias ainda mais longínquas, recuando aos anos 30 do século passado, sendo o ponto de viragem essa “crónica do modernismo vivo de Belgrado” que é o nº 22 de Obiličev Venac. No caso de Belgrado, a Inês d'Orey interessou-lhe particularmente esta mestiçagem de estilos e de referências arquitectónicas, onde se cruzam os edifícios públicos construídos entre 1946 e 1980, outros de habitação ou escritórios datados da Primeira Guerra Mundial, quando foi formada a Jugoslávia, reforçando essa relação entre a arquitectura e a identidade que esta confere ao território onde se insere.

A fotografia de Inês d'Orey como linguagem, repleta dos seus próprios signos e símbolos, deriva do espaço enquanto objecto arquitectónico e a ele vem a regressar um pouco mais adiante. Há como que uma suspensão do tempo de um lugar mutante, repositório de uma “patine” que parece cristalizar esse momento de ausência temporária da presença humana. Antevemos, pois, que são lugares habitados, ou melhor vividos, calcorreados, num tempo que se retoma, pondo em marcha a história. Cimento, betão, estrutura sólida e inabalável que conserva memórias recentes, primitivas, relevantes, mundanas. Voltamos ao espaço, já não em Belgrado mas no Porto, especificamente à Casa Richard Wall, projectada em 1958 pelo arquitecto João Andresen. Antes da sua demolição, que veio a ocorrer no

início deste ano, Inês d'Orey ainda consegue recuperar algum do mobiliário da Casa que, sendo contemporâneo do tempo de «Beograd concrete», passa a acolher memórias de quem olha, lê e reconhece a História como um conceito vivo, fluído, talvez com uma ligeira tonalidade branca. Ou não fosse o branco, de acordo com alguns sistemas, a cor que agrega todas as restantes do espectro. Branco, início, fim, serenidade, luz, estar/ser. Cidade branca — Beograd.